



Anunciaram a morte, mas está bem viva, obrigado! Teologia da Libertação 40 anos depois

Death was announced, but it is alive. Thanks!

Liberation Theology 40 years later

Marcelo Barros*
José Maria Vigil**

De vez em quando, em várias partes do mundo, ressoam vozes com a mesma expressão: “Dizem que a Teologia da Libertação está morta!”. Em geral, as pessoas formulam isso como pergunta, embora, ao perguntar, algumas digam o que elas mesmas pensam. Há alguns anos, os meios de comunicação publicaram que cardeais importantes e até o papa atual, quando ainda era cardeal, declarou pessoalmente: “A teologia da libertação está morta!”. Em Roma ou no Brasil, algumas autoridades eclesiais afirmaram isso, para expressar que estavam livres de um problema incômodo. Anunciaram a morte da teologia da libertação, mais para desejar que isso aconteça, do que por estar convictos de que a notícia fosse verdadeira. Declararam-na morta, sem dar nenhuma prova disso. Há pouco tempo, em um debate comigo, em uma importante universidade europeia, um

Comunicação/apresentação publicada no Mutirão (*Minga*) Temático de Revistas de Teologia Latino-americanas, organizado pela parceria Koinonia/ASETT (Associação Ecumênica de Teólogos/as do Terceiro Mundo ASETT/EATWOT).

* Monje beneditino e biblista; assessor das CEBs e dos movimentos populares no Brasil. É autor de inúmeros livros. País de origem: Brasil. E-mail: ComisionTeologica@Latinoamericana.org.

** Doctor en Educación en los nuevos paradigmas (Universidade La Salle de San José, Costa Rica). Estudió Teología en Salamanca y Roma, y Psicología en Salamanca, Madrid y Managua. Fue profesor de teología en el Centro Regional de Estudios Teológicos de Aragón, de la Universidad Pontificia de Salamanca, y en la UCA de Managua. Trabaja teológicamente en internet desde los “Servicios Koinonía” e y forma parte de la “Comisión Teológica Latinoamericana” de la ASETT, Asociación de Teólogos del Tercer Mundo. País de origen: Nicaragua. E-mail: ComisionTeologica@Latinoamericana.org.

coordenador de curso teológico afirmou diante de um grupo de estudantes e professores: “Eu pensava que a Teologia da Libertação tinha morrido porque mesmo teólogos e teólogas da América Latina, pessoas de posição aberta e engajada, me disseram isso”.

Uma explicação possível para esse tipo de posição é que alguns só consideram Teologia da Libertação os livros produzidos na América Latina até o final dos anos 80 e isso mesmo os escritos com temáticas e metodologias daquele período. Não se dão conta de que nunca houve uma Teologia da Libertação única e global. Desde o final dos anos 60, as pesquisas e escritos de autores como Hugo Assmann e Franz Hinkelammert e a produção histórica e filosófica de Enrique Dussel, assim como a teologia de Rubem Alves e Richard Shaull caminhavam dentro das mesmas opções de base. Entretanto, entre elas, tinham conteúdos e métodos bastante diferenciados. Dificilmente se pode analisar a teologia de um Juan Luis Segundo, como do mesmo tipo e da mesma escola de Gustavo Gutierrez ou Leonardo Boff. Toda a produção latino-americana tem muito em comum, principalmente o compromisso de não se desligar da realidade, de servir à causa dos empobrecidos e procurar sempre explicitar a fé cristã e o ensinamento das Igrejas de modo que sejam produtoras de libertação e vida para a humanidade. No entanto, dentro dessa mesma opção há várias escolas e segmentos. Além disso, desde o início, houve uma evolução tanto sobre os temas tratados, como sobre os métodos e estilos. Essa preocupação de responder aos problemas da vida e servir à causa dos empobrecidos é o que caracterizam os diversos caminhos ou setores da Teologia da Libertação. Temas como a unidade da história, a relação entre salvação bíblica e libertação histórica e social, aparecem de um modo ou de outro em todas as correntes, mas cada autor tem suas peculiaridades e caminhos próprios. Se é verdade que Teologia da Libertação não é tanto “uma teologia sobre a libertação” e sim “um modo de fazer teologia”, é preciso reconhecer nas teologias contextuais de hoje - teologias índias, negras e feministas - não apenas filhas ou netas da Teologia da Libertação, mas sim uma atualizada expressão de correntes que, de certo modo, vêm desde a mesma fonte.

Algumas autoridades eclesiásticas, mesmo quando elogiam profetas como Dom Hélder Câmara e quando recordam mártires como Monsenhor Oscar Romero fazem questão de salientar: “Hoje vivemos outros tempos e as situações são diferentes...”. Comumente, não dizem em que aspectos os tempos mudaram e que situações são agora diferentes de antes. Os dados internacionais confirmam que, em todo o mundo, a desigualdade social se agravou, a pobreza aumentou e, portanto, os grandes temas da teologia da libertação continuam válidos e atuais, embora em outro contexto social e político, sim. Não há como negar que a categoria pobre e oprimido pode com toda razão ser usada em relação à Terra e à natureza para se justificar que a Eco-teologia é um ramo e uma expressão atual da Teologia da Libertação, ao menos como tem sido formulada por Leonardo Boff, pela equipe de Ecoteologia de Bogotá e por tantos outros/as companheiros/as do nosso Continente. Há pouco tempo, fui informado de que um padre e professor que tem um programa em uma rede católica de televisão afirmou que ligar-se à teologia da libertação é pecado porque essa parte de uma ideologia ateia que seria o marxismo. Mesmo quem usa um argumento primário e desonesto como esse, está assim afirmando que a Teologia da Libertação está bem viva e apesar de tudo atuante.

Quando em 1976, em Dar es Salam, na África, foi criada a Associação Ecumênica de Teólogos/as do Terceiro Mundo (ASETT-EATWOT), o tipo de teologia da libertação que mais se produzia respondia aos problemas e desafios daquela época. Hoje, ao coordenar essa 3ª Minga (mutirão) de revistas teológicas latino-americanas, a Comissão Teológica e a coordenação latino-americana da ASETT mostram que a produção teológica da Teologia da Libertação hoje procura responder aos desafios dos tempos atuais com as novas teologias contextuais (teologia pluralista da libertação, teologias indígenas, feministas e ecológicas) e as discussões sobre temas como a crise das religiões, e como, na América Latina de hoje, a teologia da libertação pode e deve inserir-se hoje na reflexão e na práxis bolivariana.

Nos anos 80, em um famoso congresso teológico em Montevideu, Hugo Assman afirmou: “Se a situação histórica de dois terços da humanidade, com seus 30 milhões de mortos de fome e desnutrição, não se converte em ponto de partida de toda teologia cristã, hoje, qualquer que ela seja, a teologia não poderá concretizar historicamente seus temas fundamentais. Suas perguntas não serão reais. Por isso, é necessário salvar a teologia do seu cinismo. Porque, realmente, diante dos problemas do mundo de hoje, muitos escritos de teologia se reduzem a um cinismo”.

Por tudo isso, sem dúvida, esse terceiro mutirão de revistas latino-americanas de Teologia, organizado e coordenado pela Comissão Teológica Latino-americana da ASETT (Associação Ecumênica de Teólogos/as do Terceiro Mundo) é oportuno, principalmente por tomar este aniversário simbólico dos 40 anos da Teologia da Libertação e de suas primeiras publicações como ocasião e marco para um relançamento dos grandes temas e caminhos da teologia da libertação, hoje, sempre mais necessários e urgentes em um contexto social e político no qual não é mais apenas o “terceiro mundo”, ou o Continente dos pobres que está em crise, mas o mundo inteiro. Essa *minga-muritão*, coordenada pela ASETT-EATWOT da América Latina é monográfico, muito centrado no tema da Teologia da Libertação e o seu balanço e perspectivas aos seus 40 anos. Todos os artigos abordam a mesma realidade, mas cada uma o faz desde uma cara diferente da sua realidade poliédrica. Agradecemos aos autores o esforço realizado e desejamos aos leitores uma boa leitura.